



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

## **IMAGENS DE ESCRAVIDÃO NEGRA NO LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA APÓS A LEI 10.639/03**

Evelyn Louise Almeida de Azevedo

CEFET RJ

Os conhecimentos adquiridos através de fatos históricos são elementos de grande valia na formação daqueles que o contraem. Por isso quanto maior e mais minuciosos forem os desdobramentos culturais encontrados em cada recorte histórico, levando em consideração os componentes e suas participações nos diferentes espaços sociais, melhor serão as compreensões e por conseqüência a formação e identidade dos indivíduos que convivem neste espaço. Em se tratando de identidade brasileira devemos considerar o compartilhamento de diferentes influências culturais na formação do povo brasileiro. Segundo Munanga (2004) temos a história brasileira enriquecida de fusões culturais de povos distintos pois nossa formação histórica conta com a presença dos continentes :Africano, Asiático, Europeu e Americano. Essas culturas com matrizes distintas fundiram-se desvelando outras diferentes formas de adaptar-se ao novo, o Brasil. Em contrapartida nesse espaço de diversidade convencionou-se valorizar os conhecimentos culturais de matriz européia que nos trouxeram conhecimentos de grande valia, porém não os únicos. Depositou-se nessa cultura o significado e representatividade do “ser brasileiro” e para manter-se eleita negou as culturas de raízes distintas, indígena e africana. Cada continente e cada povo antes de se instalar no Brasil já adquiria formas de vida, relacionamentos, costumes variados. Esses elementos de diversidade trazidos ao Brasil continuaram a existir, pois constituem os indivíduos que a perpetuam em diversos espaços. Ao continente Africano reservou-se um diferencial no processo migratório marcado pelo tráfico de pessoas, retirando-os a força de seu lugar de origem para nutrir o trabalho escravo no continente Americano. Esse processo conhecido como diáspora africana compõe como elemento histórico a construção de uma memória peculiar.

O conceito fechado de diáspora se apóia sobre uma concepção binária de diferença. “Está fundado sobre a construção de fronteira de exclusão e depende da construção de um “Outro” e de uma oposição rígida entre o dentro e fora (HALL,2003,p.33)”.A diferença



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

marcada no processo diaspórico possibilita entender o africano como mercadoria que pode ser comercializado o que implica uma condição humana inferior ao que a ele se sobrepõe. Esse marco da história afrobrasileira é processo resultante da escravidão. Sendo esse o retrato do negro na história ensinada que marca nos descendentes de africanos o contexto que atribui à submissão, marginalidade, maus tratos.

São condições que elaboraram e projetam-se de forma negativa no pensamento coletivo relacionando o afrobrasileiro a toda cultura e forma de produção inquestionavelmente ruim. Não restam dúvidas de que um indivíduo que é apresentado a sociedade como mercadoria após ser arrancado de seu lugar de origem tenha sua cultura valorizada em outro espaço senão o dele. As diferenças apresentadas na cultura africana e afrobrasileira são então entendidas como um marco binário onde o conhecido pelo europeu, sua própria cultura, é bom e o desconhecido é ruim. Como consequência todos os indivíduos que nela se afirmam e se projetam compartilham um traço de identidade marginal. Essa cultura marginal como traço de identidade se fixa na imagem negra que é estampa dos livros que auxiliam a educação escolar. Essa afirmação advém dos conhecimentos que, adquiridos através do ensino de história omitem a diversidade cultural oriunda do continente africano que ao vivenciar as demais culturas encontradas no Brasil resultou a cultura afrobrasileira, única e diversa.

A cultura africana se mostra nas práticas cotidianas em todo território brasileiro. Apresenta-se de forma distinta por consequência da diferença geográfica de nossa extensão territorial, porém constituem semelhanças devidos traços de identidade com sua origem incorporadas pela mistura de nações em todo país. Mesmo sendo conhecida e praticada não somente pelos negros é ainda discriminada e desconhecida. A relação com a cultura africana foi passada pela linguagem, religião, formas de se organizar, relacionar e está presente na cultura brasileira com diferentes identidades. Uma cultura, viva e marginalizada, com dinâmica que difere da cultura que nos foi oferecida, a cultura européia.

É perigoso elegermos uma cultura como satisfatória no processo de formação do indivíduo, pois as populações são provenientes das mais diferentes tradições “Ou seja, cada um dos componentes étnicos ou culturais trouxe sua contribuição na formação do povo e da história brasileira assim como na construção de suas cultura e identidade (MUNANGA: 2004.pg. 8).” Assim não podemos relegar esse conhecimento aos brasileiros pois faz parte de



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

sua constituição. Ao apresentarmos a importância da inclusão dessa cultura questionamo-nos: Por que ela não se encontra nos currículos escolares já que este é um espaço obrigatório de construção de identidade? Ao eleger e valorizar a cultura europeia a história também marginalizou e desvalorizou toda a cultura africana neste binarismo que afirma-se negando o outro no encontro de uma identidade. Assim resultando uma contribuição para a depreciação da identidade negra. Esse preconceito é apoiado e normatizado nos discursos racistas e ganha reforço ao se reforçar nos conhecimentos legítimos. Entendendo que a educação deve apoiar-se na formação de sujeitos orgulhosos de seu grupo etnicorracial faz-se necessário agilizar os subsídios que propiciem uma visão identitária na escola.

A escola, enquanto instituição social responsável pela organização, transmissão e socialização do conhecimento e da cultura, revela-se como um dos espaços em que as representações negativas sobre o negro são difundidas. E por isso mesmo ela também é um importante local onde estas podem ser superadas ( GOMES, p.4, 2003).

A escola, espaço de discussão e acolhimento das diferenças, possibilita desfazer os desequilíbrios por ela causados num movimento de repensar preconceitos ali mantidos que formam e deformam os que nela convivem. As falhas na construção de identidade trazidas pela falta de valorização da cultura afrobrasileira trouxeram a rejeição de diversos elementos que a constituem. A escola ao abraçar essa diversidade deve também trabalhar em favor dela. Assim seu currículo não pode ignorar a população que atende. Essa população que vive e viveu em espaços africanos e afrodescendentes e por muitas vezes teve que o esconder preza pelo reflexo de sua imagem na sociedade.

A lei 10.639/03 institui o ensino de História da África e Cultura Afro-Brasileira na educação brasileira fruto da luta do movimento negro. Com respaldo do das Diretrizes articula-se não somente o resgate de uma história enriquecedora, mas também da identidade deixada e rejeitada pelos descendentes de africanos. Por isso incumbe-se a todo conhecimento escolarizado apresentar temática negra em seu currículo. Uma educação que promova identidade étnica onde o indivíduo se reconheça como pertencente é um dos pontos postos no documento. Trata-se de um trabalho de revisão de bibliografias de livros didáticos, formação



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

profissional e administração escolar na reestruturação da educação como um todo em direção a uma identidade negra valorizada.

§ 1º Os sistemas de ensino e as entidades mantenedoras incentivarão e criarão condições materiais e financeiras, assim como proverão as escolas, professores e alunos, de material bibliográfico e de outros materiais didáticos necessários para a educação tratada no “caput” deste artigo (Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico - Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, p.19).

Articulam-se sistemas que sustentem o sucesso da lei. Estes elementos são indispensáveis para se instituir com seriedade um ensino bem fundamentado. É importante desvelar os enfoques racistas destes documentos e do imaginário social levando o axioma histórico que sustenta o preconceito ao educando e educador. Assim almejando, como elemento de constatação da injustiça e dever para com a história negra brasileira, inserir as estruturas culturais africanas e afrobrasileiras, depende de estudos e resgates para respaldar o trabalho docente. O levante de discussão racial está atrelado a esta reelaboração para que possamos produzir materiais harmônicos à consciência pretendida. É imprescindível produzir e obter livros didáticos que proponham uma discussão de embate ao racismo com inserções e/ou reformulações históricas que narrem perspectivas negras afrobrasileiras em toda divisão do conhecimento.

#### A importância do material didático na construção de identidade

O livro didático é um subsídio para o processo de ensino aprendizagem utilizado pelo professor em sala de aula para articular seu trabalho. Este material deve conter os conhecimentos analisados como válidos, saberes socialmente reconhecidos, na e para educação brasileira. Esses conhecimentos são adaptados a linguagem de sala de aula para se fazer compreensível no espaço escolar, sendo assim totalmente reelaborado para um grupo. Um recurso que possibilita posicionamento político na produção de diferentes autores que é



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

avaliado e deve obedecer ao PNLD, Programa Nacional do Livro Didático. Nossos materiais didáticos são repletos de intenção em seus textos escritos e imagéticos. Assim como todo currículo esse documento direciona que conhecimento é pertinente para tal indivíduo. Por isso, a escolha do que é significativo na formação dos educandos é um posicionamento político. Os textos e imagens estão repletos de significados que serão codificados segundo a subjetividade de cada um.

Os livros de história contêm enredos de conflitos, organizações sociais, diversos embates que fazem parte da formação da sociedade atual. Os conhecimentos selecionados a explicar tais enredos estão repletos de imagens que ajudam a retomar o acontecido. As imagens do período da escravidão são o portal de entrada dos negros na história contida nos livros, marcados pelos castigos e maus tratos. Omite-se espaço nesses materiais das demais relações estabelecidas no convívio social, sua religião, comércio ambulante, danças ou diferenças marcadas pelas etnias além da continuidade da história negra, posterior a abolição. Se não bastasse esse “esquecimento” documentado, recebe o reforço dos vestígios de racismo deixados na sociedade que complementam a tríade: subjetividade, conhecimento escolarizado e conhecimento popular resultando a educação escolar. O racismo contamina o imaginário social afetando as relações sociais e hierárquicas atuais. Estabelece-se assim um ciclo de racismo entre gerações que ao ter esse conhecimento dos livros didáticos perpetua o mesmo enredo nas escolas, nas ruas e nos imaginários.

A imagem é uma forma de leitura posta que antecede a leitura escrita. A primeira informação que nossos olhos procuram e alcançam em um livro são as imagens “A realidade é tida como a essência ou origem que determina a forma pela qual ela é representada (SOUZA: 2004, p.115)”. Toda representação do conteúdo da imagem está expressa e grafada nela. Apresenta uma interpretação indiscutível, pois está ali presente inerte e determinada em sua forma. Essa imagem possibilita aproximações ou distanciamentos de acordo com o que ela representa e apresenta ao indivíduo, sendo uma relação particular de construção do conteúdo da imagem. “É nesse sentido que Bhabha aponta a análise de imagens como reconhecimento, uma vez que a representação é vista como reflexo ou expressão de um conteúdo (ou referente) previamente recolhido e fixo (SOUZA: 2004, p.115)”. Existe nela uma referência de algo que já se conhece ou não sendo essa nova visão promotora de



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

resignificação dos conhecimentos ou que os inseri ao novo dentro daquele recorte. A releitura de uma imagem qualquer necessita a presença de mediador.

Mesmo reconhecendo as limitações do currículo escolar é perceptível o cenário de preconceito e exclusão das inserções culturais e sociais de negros afrobrasileiros nos livros didáticos e suas ilustrações. São muitas as dívidas aos negros que tiveram, e ainda têm sua cultura folclorizada, etnias desconsideradas, mão de obra escravizada e sua história só assim retratada em livros didáticos. Essa identidade marginal do negro pautada em documentos oficiais, como o livro didático que representa a materialidade do currículo, causam forte reflexo que instituiu no imaginário social uma memória e representação pejorativa de nossa história. Não que essa produção de conhecimento escolar seja a única responsável pela propagação de preconceito racial, porém é um saber legítimo e por isso socialmente aceito e assim reproduzido. O livro didático pode ser um material com grande potencial de mudança da memória negra.

A devolução dessa memória é importante não apenas para os alunos de ascendência africana, mas também para os alunos de outras ascendências étnicas, porque eles também tiveram seus aparelhos psíquicos afetados por uma educação envenenada. Além disso, essa memória não pertence apenas aos negros; ela pertence a todos, tendo em vista que a cultura da qual todos se alimentam cotidianamente é resultante das contribuições de todos os segmentos étnicos que, por motivos históricos conhecidos, foram obrigados a conviver desigualmente neste encontro de culturas e civilizações que é o Brasil atual (MUNANGA, 2004 p.5).

Pela resignificação dessas marcas de preconceito que se faz necessário contar a história do negro com a exaltação de sua cultura, para reafirmar uma identidade perdida ou mistificada. No entanto toda população ganha conhecimento, retoma uma história e identidade e é capaz de reconhecer, na sociedade, a presença da cultura de raízes africanas com orgulho. Na busca de um lugar legítimo no currículo escolar a cultura negra lutou e continuando lutando, respaldada pela lei pela diminuição das diferenças. A lei 10.639/03 pretende um reposicionamento social referente ao negro no Brasil. Política de ação afirmativa de uma demanda social a lei emerge após diversas lutas sendo a primeira lei assinada pelo presidente Lula.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Após completar oito anos ainda encontramos muitas dificuldades em instituir a lei, formar profissionais, desenvolver materiais e fiscalizar como estão sendo trabalhados esses conteúdos. Este trabalho deve se voltar em favor da população negra que foca reafirmar sua identidade nos diferentes espaços da sociedade com uma referência positiva aos seus antepassados. Para isso precisamos de materiais didáticos condizentes com a lei. Um recurso importante utilizado nos livros didáticos são as imagens que se apresentam, na temática negra, em forma de castigo, trabalho e tráfico. Essas imagens em sua maioria ocupam grande parte das páginas e são o primeiro contato visual de seus leitores ao abrir o livro.

A importância da imagem no ato de aprender é inquestionável. Para a produção de cada imagem, uma intenção de seu autor, para sua utilização, outro sentido. A leitura da imagem proporciona ao receptor um sentido, um significado próprio de acordo com suas vivências (COSTA, 2010, p.1).

A escolha dessas imagens é responsabilidade do autor assim como seu texto. Ao escolher uma imagem e não outra o autor capta o que em sua opinião tem maior significado naquele conhecimento e maior relevância se comparada ao conhecimento elaborado por outras imagens. Porém os indivíduos são complexos e constroem seus significados e relevâncias em ambientes e com importância distintos. Assim, cada imagem causa sensações e interpretações únicas nos diferentes receptores. Conhecendo as pinturas e autores recorrentes nos livros didáticos como: Johann Moritz Rugendas e Jean-Batist Debret, contratados para pintar o Brasil imperial, encontraremos o escravo negro em condição submissa onde retratam uma visão estereotipada e violenta que reafirma a subalternidade do negro e seu lugar de “coisa” e “passivo” diante da violência que foi submetida. Essas imagens de espaços de submissão, que se instaurou no pensamento coletivo e pede para ser resignificada, deve ser considerada na produção dos materiais didáticos, se com ele pretende-se mudança.

Reservadas as críticas ao material didático, é preciso analisar a produção posterior à lei que deve também ser observado com minúcia. Em forma de colaboração e análise pretendemos a partir das imagens do livro didático **Projeto e prosa: história, 4º ano** de 2008, assim posterior a lei, analisar junto ao **Plano Nacional de implementação das diretrizes**



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

**curriculares para a educação das relações etnicorraciais e para o ensino de história e cultura afrobrasileira e africana e Parecer CNE/CP n<sup>o</sup> 3/2004** se o material didático analisado foi produzido conforme o que se instituiu. O livro analisado é utilizado no município de Mesquita no Estado do Rio de Janeiro, apresenta onze imagens que pretendem explorar segundo o que se reserva o Plano Nacional ao tema: Livro Didático do Ensino Fundamental.

O plano nacional e o parecer entendem a lei como uma política que pretende uma educação de qualidade com ênfase na equidade. Sendo assim estabelece quesitos que devem estar presentes na formação dos novos currículos em todas as modalidades de ensino. O parecer CNE/CP n<sup>o</sup> 3/2004 estabelece como uma das ações educativas de combate ao racismo e a discriminação:

Edição de livros e de materiais didáticos, para diferentes níveis e modalidades de ensino, que atendam ao disposto neste parecer, em cumprimento ao disposto no Art. 26<sup>a</sup> da LDB, e para tanto abordem a pluralidade cultural e a diversidade étnico-racial da nação brasileira, corrijam distorções e equívocos em obras já publicadas sobre a história, a cultura, a identidade dos afro-descendentes, sob o incentivo e supervisão dos programas de difusão de livros educacionais do MEC – Programa Nacional do Livro Didático e Programa Nacional de Bibliotecas Escolares (PNBE) (Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico - Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, Parecer CNE/CP n<sup>o</sup> 3/2004, p.15).

Como a produção escolhida é do ano de 2008 essas exigências devem estar presentes na escolha e elaboração do nosso material assim como de suas imagens. Lembremos que os livros anteriores a lei ressaltam o trabalho, tráfico e castigo perpetuando os estereótipos negros.

#### Projeto e Prosa

O livro é de tripla autoria tendo dentre os autores dois professores de história da USP, um doutor e uma mestre, e uma psicóloga da Puc-SP. Atenhamo-nos as imagens que apresentam diferenças já que semelhanças com publicações anteriores são dadas em castigo



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

em três imagens neste exemplar. Reservada sua importância devemos lembrar que, segundo as diretrizes devem dialogar com as condições negras atuais de maneira crítica. Composto de quatorze imagens que expressam trabalho, tráfico, festa de irmandade, castigo, quilombo e vida social. Apresenta uma unidade intitulada a “Àfrica Atlântica e o Brasil” com dez páginas direcionada aos africanos e afrodescendentes e posteriormente uma página contendo uma imagem em outro capítulo reservada ao fim da escravidão. Já podemos apontar a presença do engessamento dos conteúdos, onde permitem a mesma divisão e posterior ausência do negro no pós-escravidão.

Ao inserir quatro fotografias (duas espontâneas e duas com poses) de uma África feminina, colorida, populosa em diferentes países, segundo legenda, cria uma relação com o desconhecido e foge a referência de miséria e doença recorrente nas mídias. Essas imagens dialogam com a posterior e o texto emergindo as diferenças étnicas encontradas nos africanos já no continente americano na obra de Debret. Uma pintura que retrata escravos e escravas em perfis distintos e estereotipados. A mulher negra aparece adornada de jóias e tecidos enquanto aos homens se revelam as cicatrizes e diferentes, brinco e colar com crucifixo porém o primeiro olhar exalta os diferentes tipos de corte de cabelo. Uma imagem que subentende-se preparada para ser reproduzida com beleza e sensualidade feminina, e o foco nos cabelos masculinos lembrando um catálogo. Entende-se que a pretensão dos autores com essas imagens é constatar as diferenças étnicas, suscitando a diversidade africana também dentro do Brasil num diálogo com uma nova formação de população que posteriormente se dirá brasileira.

O africano recém-chegado aqui chamado de *boçal*, defrontava-se com um ambiente em que coexistiam diversos povos, alguns que se desconheciam, outros divididos por rivalidades religiosas e étnicas. Muitas vezes as rivalidades na África se reproduziam no Brasil, outras vezes elas diminuíram sob o peso da escravidão (ALBUQUERQUE E FILHO: 2006, p.4).

Revelando assim embates entre grupos dentro das senzalas por suas possíveis rivalidades. Uma distinção importante para compreender as relações encontradas nas senzalas e nos quilombos onde se misturavam diferentes etnias, com língua e costumes distintos, e compreender as diversas origens africanas. Os europeus nomearam os africanos de negros e a si de brancos porém a falta de conhecimento sobre aqueles prejudicou uma ideia de unidade



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

entre os negros que não existiu. Identificar essas diferenças possibilita entender as relações entre negros. Segundo Gomes, 2003 “Os sistemas de representação são construídos historicamente; eles originam-se do relacionamento dos indivíduos e dos grupos sociais e, ao mesmo tempo, regulam esse relacionamento (p.3)”. Aumentar as visões históricas, conhecer outras relações e formas de se identificar os negros escravos cria recursos cognitivos de representação e identidade.

A representação do trabalho feminino no livro didático através de pintura de Joaquim Cândido Guillobel, ano 1814-1816, fotografia de Cristiano Junior, 1865 e fotografia de Marc Ferrez, ano 1895 que inserem o feminino em dinâmicas distintas. Os respectivos anos apresentam em si diferentes o momentos históricos da escrava negra pois em Guillobel tem-se o serviço de três mulheres aos seus senhores, um homem, uma mulher e uma criança, onde cada uma exerce tarefa distinta. Enquanto uma cuida dos pés do homem, outra carrega um tonel de madeira com o filho nas costas, e a última tece uma renda enquanto observa a criança branca brincando. Essas mulheres distinguem-se da fotografada por Cristiano Junior, quitandeira posa frente sua mercadoria com um menino que ajuda a compor a fotografia. O cenário montado com tecido de fundo e os olhares alheios forjam uma fotografia que deveria permitir-se natural porém autoriza identificarmos muitos traços de uma fotografia programada que revela traços únicos. Os períodos históricos do documento junto “a ausência de sapatos marca evidente da condição de escravo (JÚNIOR: 2006, p.7)” traçando perfil de uma cativa que possivelmente vende para seu senhor. Já a fotografia de Ferrez também representa o trabalho ambulante onde quatro quitadeiras posam de maneira distinta para foto. Os olhares diretos a lente, os cestos desalinhados e a parede de pedra propõe uma foto em seu ambiente de trabalho. De certo os pés descalços diriam ser estas também negras escravas porém o ano da foto, posterior a lei áurea, pressupõe analisarmos que podem ser negras libertas. A fotografia tem aspectos relevantes segundo Muller (2006).

Elas falham quando precisam contar sua história tornando-se elementos mudos. Elas só teriam sentido, ou só poderiam ser compreendidas, com o uso de legendas ou textos verbais. Dessa forma, a assertiva “uma imagem vale mais do que mil palavras” não se aplicaria a utilização da fotografia que se contextualiza, além de concebê-las como artefato de uma determinada cultura e de um determinado momento histórico (p.14).



O enquadramento histórico movimenta a fotografia a um contexto próprio que não pode ser desconsiderado. Nas fotografias citadas temos além de momentos históricos distintos seu posicionamento no ambiente e também no livro didático. A segunda foto pertence ao capítulo do livro que trata da abolição remetendo-nos assim ao entendimento que retratam libertas mesmo sem o uso de sapatos. A semelhança das fotos merece este questionamento do momento histórico que cada uma pertence, pois já estabelecida relação anterior deste trabalho ambulante, como o seria com o novo recorte “Abolição”? Assim o interlocutor, o texto verbal, faz-se indispensável, pois a fotografia, em certo momento, e foco tem sua pretensão.

Ela representa uma cultura e uma ideologia e é resultado da visão de mundo do fotógrafo. Ela tanto possibilita que as pessoas reflitam sobre a realidade e o cotidiano e que perguntem sobre ele como propõe novos olhares e questionamentos àquilo que é familiar. Pode propagar modelos de vivência, manipular idéias comportamentos, além de ocultar e criar realidades (ibdem, p.26)

A fotografia pode neste sentido ampliar o conhecimento do passado no resgate de mínimos elementos até as relações macro sociais se levados a tal questionamento. Além de relacionar este passado histórico com as relações postas a este grupo (negros ou trabalhadores ambulantes) no presente. O resgate das identidades com o que se reflete na fotografia reorienta as posições externas ou íntimas com o contexto revelado. Em nossa análise essas fotografias de Marc Ferrez e Cristiano Junior, postas em seus contextos e levando em consideração o trabalho dos fotógrafos, com intenção própria, aumentam as discussões referentes às relações negras na sociedade brasileira ao estabelecer novos olhares as relações escravistas. Tanto se fizerem simulacro da história, se não houver discussão crítica, quanto se mitigarem ao real perpetuarão o ideário marginalizante do negro nacional. Assim reforçando a idéia de que o livro didático é um instrumento da educação em sala de aula que pretende articula-se ao trabalho do educador.

Aproveitando, inserimos em diálogo com a imagem que retrata o tráfico e as relações entre africanos e brancos. Uma litografia de T. Kelly que apresenta a disposição em que se encontravam africanos no caminho até as Américas. Este lugar que ilustra um pequeno



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

compartimento onde encontram-se mercadorias, dentre elas africanos amontoados. Misturados povos de diferentes culturas, transportados em condições insalubres numa viagem que durava meses possibilitando a chegada de apenas alguns, o tráfico destruiu famílias e mudou a motivação de sua constituição e organização familiar. Em perspectiva de vida social o livro insere duas pinturas de Rugendas em perspectivas distintas. A primeira imagem intitulada *Habitação de negros de 1834-1839* ilustra a interação de homens, mulheres e crianças no entorno de uma casa de sapê revelando formas de moradia e relacionamento entre escravos. Uma casa de negros pode instigar revelações nas relações entre senhores e escravos possibilitando questões como: a senzala deixou de existir? Se não, por que foi concedido um lar a alguns? Como se constituíam essas famílias? São reflexões que podem contar muitos elementos da história negra. Albuquerque e Filho (2006) atentam que os laços de parentesco entre africanos podiam se dar através de identidades étnicas nas quais por exemplo se considerava parente um indivíduo de mesma nação.

A formação de laços familiares foi importante também para a manutenção dos espaços de moradia, acesso a uma parcela de terra para cultivo e para reagir às práticas de domínio senhorial. Assim, a atuação em família ampliava as possibilidades de sobrevivência dos cativos e permitia a elaboração de projetos de liberdade (p.6).

A família constitui posicionamento político em que se perpetua cultura e negociam-se condições de vida junto a seus senhores. A liberdade se vê no espaço íntimo do convívio familiar, além de espaço para culto e onde a vida escrava podia ser amenizada. Era um recurso dos senhores para diminuir as fugas porém um espaço de fortalecimento entre os escravos. O conflito entre brancos e negros aproximaram africanos parentes e de diferentes nações em terreiros e irmandades, por conta da condição escrava.

As irmandades, como grupos em espaço de culto cristão em igrejas católicas, tem aspecto preponderante por se configurar um ambiente que pode ser pensado como aculturação ou como conquista de espaço na cultura católica. Esse contexto é inserido na imagem de Rugendas com a *Festa de Nossa Senhora do Rosário 1835* dialogando com o colorido da imagem que retrata uma característica das irmandades a grandiosidade das festas organizadas no dia do padroeiro. Na rua os negros se vestem de reis e rainhas dançam e cantam



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

configurando um poder, que por muitas vezes encontrou-se na religião. Essas organizações conquistaram o respeito e o diálogo com a comunidade ao exemplo da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos do Pelourinho que construiu e reconquistou sua igreja que queria ser tomada por paroquianos do Passo na cidade de Salvador.

E quando segundo a praxe, este requerimento passou pelas mãos do dito Governador, ele se pronunciou a favor dos mesários da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário do Pelourinho e contra os paroquianos do passo (OTT: 1968, p.122).

Demonstra uma das conquistas negras numa organização predominantemente branca dentro de sua religião e justiça. Assemelhavam-se a forma de organizar-se das demais irmandades, porém algumas aceitavam forros e cativos, africanos e brasileiros e outras excluía brasileiros. Ao tratar de uma organização como as irmandades o autor omite as religiões afro brasileiras. Ausentar as práticas religiosas mais discriminadas como o candomblé aponta um mecanismo para fácil aceitação do material pela sociedade. Os autores procuraram não fugir a matriz cristã o que limita a diversidade das práticas negras e fere ao que institui as diretrizes.

Reconhecer exige que se questionem as relações étnico-raciais baseadas em preconceitos que desqualificam os negros e salientam estereótipos depreciativos, palavras e atitudes que, veladas ou explicitamente violentas, expressam sentimentos de superioridade em relação aos negros, próprios de uma sociedade hierárquica e desigual (Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais, p.3-4).

Os quilombos como espaço de identidade que podem trazer inúmeras discussões em sala de aula num contexto interdisciplinar por se tratar se uma organização complexa formada no bojo de conflitos onde, mesmo assim, se apresenta com suas regras e formas de se organizar distintas no contexto da escravidão são apresentados em duas imagens. Uma é a planta do quilombo Buraco do Tatu em Itapuã, Salvador, que expressa a organização espacial do espaço de identidade. Outra imagem é a representação através de um busto de Zumbi, o líder negro mais conhecido pela história, situado na cidade de Brasília. A força da cultura negra e sua representação através dos quilombos, neste caso exemplificando dois diferentes espaços, Buraco do Tatu e Quilombo dos Palmares situados respectivamente nos estados da



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

Bahia e de Alagoas removemos a afirmativa do ideário de passividade negra. Aqui as imagens são a presença da emergência da manutenção da liberdade negra.

Configuram-se todas em imagens importantes e com potencial a ser explorada pelo educador. A seleção de imagens do livro é baseada numa escravidão que alerta para além dos elementos recorrentes como castigo, trabalho e tráfico. Insere em sua temática imagens que possibilitam o diálogo com o que pretende as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Etnicorraciais mas também exclui muitos elementos. A história do negro no Brasil, neste livro didático, começa no tráfico e termina na abolição. Se pretendemos conectar a realidade através da história não podemos omiti-la dos livros. Dar continuidade a esta história demanda emergir as práticas culturais circundantes sem que se esqueçam as práticas religiosas mais discriminadas. Uma educação que possa ser ligada, relacionada, com as práticas e desigualdades atuais.

Pensar a educação brasileira do ponto de vista do povo negro é compreender que o processo de exclusão deste segmento étnico/racial não acontece somente em nível ideológico, que se faz notar na reprodução de estereótipos racistas nos livros didáticos, na baixa expectativa do professor em relação ao aluno negro, na veiculação de teorias racistas, na folclorização da cultura negra, mas também na existência de um sistema de ensino pautado em uma estrutura rígida e excludente que representa campo fértil para a repetência e a evasão (GOMES apud GONÇALVES E SILVA, 2005, p.6).

A afirmação da riqueza e valor dessa história é explorada no livro através das imagens, porém o diálogo com o texto apresenta falhas por exercitar de forma simplória a importância dessas imagens mas que pode ser um subsídio de autonomia do trabalho do professor aprofundando questões que estão inclusas nas imagens e podem surgir no diálogo de sala de aula. Neste aspecto tira-se o foco do livro didático e repassa-o ao professor que parece sim ter o material como subsídio se explorado e criticado. O livro, por se tratar de edição posterior á lei, insere muitas imagens que podem contar novas histórias com isso dando a falsa idéia de reformulado. No entanto as ausências dialogam as relações de poder com o social e auxiliam na perpetuação das condicionantes que mantém o preconceito. Consideremos então que se trata de uma situação pior, pois se já reformulado inserindo novas



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

verdades históricas institui-se a lei. Engana ao omitir imagens de conflito, religiosos e políticos, resume a exibição e propaga o preconceito com ares democráticos.

#### Referência Bibliográfica:

ALVES, Alexandre, OLIVEIRA, Leticia F.de e BORELLA, Regina N. Projeto e Prosa: história, 4º ano. 1ª edição. São Paulo: Saraiva, 2008.

ALBUQUERQUE, Wlanyra R. e FILHO, Walter Fraga. *Uma história do negro no Brasil*. Centro de estudos Afro-Orientasis; Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2006. Disponível em:

<[http://www.ceao.ufba.br/livrosevideos/pdf/uma%20historia%20do%20negro%20no%20brasil\\_cap04.pdf](http://www.ceao.ufba.br/livrosevideos/pdf/uma%20historia%20do%20negro%20no%20brasil_cap04.pdf)>

CONSELHO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (Brasil). Conselho Pleno. Parecer CNE/CP n<sup>o</sup> 3/2004, de 10 de março de 2004. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico - Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, 2004. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/003.pdf>>

COSTA, Warley. *Escravidão africana: imagens nos livros didáticos e produção de identidades*. In. XIV. Endipe. Porto Alegre, 2008.

----- Olhares sobre olhares: representação da escravidão negra nos livros didáticos. UFRRJ, Prodocencia 2010.

SOUZA, Lynn Mario T. Menezes de. *Hibridismo e Tradução cultural em Bhabha*. In.: ABDALA JUNIOR, Benjamin (org). *Margens da cultura: mestiçagem, hibridismo & outras misturas*. São Paulo: Boitempo, 2004, p.113-133.

GOMES, Nilma Lino. *Cultura negra e educação*. In: Scielo, 2003.

GONÇALVES, Luciane Ribeiro Dias e SILVA, Maria Vieira da. *A questão do negro e políticas públicas de educação multicultural: Avanços e limitações*. 28ª reunião anual da ANPED: Caxambu, 2005.

HALL, Stuart. *Da Diáspora: Identidades e mediações Culturais*. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2003.



» XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais  
Diversidades e (Des)Igualdades  
Salvador, 07 a 10 de agosto de 2011.  
Universidade Federal da Bahia (UFBA) - PAF I e II  
Campus de Ondina

JÚNIOR, Arnaldo Ferreira Marques. *Parques públicos na sociedade escravista. XVIII Encontro Regional de História – O historiador e seu tempo.* ANPUH/SP – UNESP/ Assis, 24 a 28 de julho de 2006. Disponível em: <<http://www.anpuhsp.org.br/downloads/CD%20XVIII/pdf/ST%2027/Arnaldo%20Ferreira%20Marques%20J%20FAnior.pdf>>

OTT, Carlos. *A irmandade de nossa senhora do rosário dos pretos do pelourinho.* Bahia: Revista Afro-Ásia: n°6-7, 1968, p.119-126.

MULLER, Tânia. A fotografia como instrumento e objeto de pesquisa: imagens da imprensa e do Estado do cotidiano de crianças e adolescentes do Serviço de Assistência ao Menor - SAM (1959-1961). PROPED/ UERJ. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/cp050787.pdf>>

MUNANGA, Kabengele. *A importância da história da África e do negro na escola brasileira. Diversidade e Educação: o desafio para construção de uma escola democrática.* Org. NEINB (Núcleo Interdisciplinar sobre o Negro Brasileiro), 2004.